



PRO3330 – Engenharia e Sociedade

Laerte Idal Sznelwar (prof.)

Ruri Giannini (monitora)

Comentários sobre a aula 2: Mudanças sociais e mobilidade/ filme Taken for a ride (01/03/2016)

Comentários gerais:

Para pensar o filme de uma maneira mais ampla, inclusive refletindo sobre as possibilidades relacionadas aos diferentes momentos da história recente da humanidade e, mais especificamente o desenvolvimento das cidades, como São Paulo, é importante considerar:

- o direito à mobilidade;
- as diferentes possibilidades deslocamento da população;
- os projetos urbanos;
- os sistemas de transporte, da sua capacidade e possível saturação;
- as necessidades, os desejos e os objetivos dos diferentes atores sociais;
- os jogos de poder intrínsecos que definem o uso do espaço público.

O filme não trata apenas da relação direta entre uma empresa, na verdade liderando um grupo de empresas, e algum tipo de influência nos destinos da sociedade. É importante que esta questão seja analisada sob um ponto de vista complexo, sobretudo para que se possa evidenciar as diversas relações, como elas são tecidas, como podem influenciar os diversos processos de decisão.

Neste sentido, é importante refletir a respeito das implicações das estratégias empresariais no espaço público e de que maneira os cidadãos – diferentes



sujeitos envolvidos – podem decidir a respeito de suas vidas, seja no âmbito privado ou coletivo.

A influência das empresas e das decisões dos poderes públicos no espaço público deriva de estratégias diferenciadas e que, no final das contas, reflete não apenas os interesses dos grupos. A própria conformação urbana, onde se inclui a localização dos diferentes equipamentos públicos, os locais de residência e os locais de trabalho, é definida neste jogo e nas opções influenciadas pelo desenvolvimento tecnológico, econômico e social. Tudo isto faz parte da política, no sentido amplo do termo, isto é, do agir na “polis”, na “cité” no âmbito da cidadania.

Desta forma, o papel que assumimos como profissionais também deriva de como nos posicionamos frente à aquisição de conhecimentos, das experiências que vivemos, dos valores em que acreditamos e, os desejos de realizarmos algo belo, útil e bom.

As decisões, enquanto cidadãos e profissionais são, portanto, o resultado de um conjunto de variáveis cujos pesos serão definidos a partir do ponto de vista de cada um, em confrontação com os dos outros sujeitos com os quais nos relacionamos.

Também é importante refletir sobre o alcance das decisões e como as ações consequentes se inscrevem no tempo e no espaço. Podemos agir para aumentar o retorno para a empresa e da instituição onde atuamos, mas fica a reflexão sobre como os impactos da ação empresarial podem se influenciar a vida de cada um, a sociedade, o meio ambiente e as condições de trabalho. Nossas decisões como engenheiros:

- são reversíveis?
- a que custos podemos alterá-las quando se mostram inadequadas?
- se sustentam no longo prazo?



- trazem impactos positivos para a cultura e para o convívio das pessoas?

Com relação à “demonização” de uma determinada empresa, sempre é bom ser cuidadoso. É de suma importância analisar como foram se desenvolvendo as estratégias das empresas para se avaliar criticamente os seus impactos positivos e negativos, tanto naquilo que é tangível como no intangível. Sobretudo, é importante buscar alternativas que permitam o desenvolvimento das sociedades, sempre relacionados ao desenvolvimento econômico, que possam também incluir uma reconversão das empresas, ou até sua extinção, em consonância com interesses mais amplos das comunidades. Como ter mais clareza disto? Como favorecer que diferentes opiniões e interesses influam nas decisões políticas? Pode-se falar em neutralidade das decisões? Podemos dizer que as empresas que manipulam dados e influenciam nos jogos de poder, que definem os serviços públicos e, mesmo o planejamento urbano, estão apenas cumprindo com o seu dever e estão ajudando a desenvolver o país?

Como pensar em sistemas de transporte? Quais variáveis devem ser consideradas e como hierarquizá-las? Como aprimorar um sistema? Para construir é preciso destruir ou é possível melhorar o sistema de transporte? Para qual população, para quantos, a quem interessa a facilidade de locomoção? Como garantir que o transporte seja eficaz e eficiente? Como ajudar a conformar uma cidade onde haja prazer em viver? É possível sonhar e buscar a sua realização? Quem paga? A quem interessa? Como pensar a cidade de maneira a facilitar a inclusão social e o uso efetivo pelos cidadãos do espaço público?

Estas são algumas das questões que constituem os desafios que se colocam quando pensamos no papel da engenharia, principalmente no que diz respeito à quantidade de variáveis em jogo e a priorização de certos aspectos que derivam de debates e decisões políticas. Diante de seus desafios como engenheiro, é fundamental que o profissional consiga sair de seu próprio papel e de suas próprias necessidades como cidadão e que consiga enxergar os problemas que



a sociedade enfrenta de forma sistemática e democrática, colocando interesses comuns à maioria da população à frente de seus próprios interesses pessoais.

Alguns temas / comentários / questões, inspirados nos exercícios entregues e nas discussões em sala de aula:

- Existem muitos conflitos nos interesses de usuários, poder público e empresas privadas no que diz respeito à mobilidade urbana;
- O governo adota políticas recentes de incentivo ao transporte individual, como redução do IPI para compra de veículos e subsídio ao preço do combustível;
- Não há apenas a necessidade de investir em infraestrutura para mobilidade, mas também de se repensar a necessidade de locomoção: incentivo ao comércio local, novos polos comerciais em diversos bairros, incentivo a trabalhos à distância, jornadas alternativas de trabalho e de serviços;
- O retorno do investimento em transportes é positivo, pois traz aumento no PIB e aumenta a qualidade de vida da população;
- O oligopólio de construtoras no Brasil afeta o investimento em transporte público, pois falta concorrência para incentivar eficiência destas empresas;
- É comum a intervenção de empresas privadas em políticas públicas. Isto é tradicional no caso das empresas concessionárias de ônibus. De modo mais recente há o caso da polêmico com o Uber, que aproveita brechas na legislação e faz pressão junto a instâncias de governo com base em interesses privados. Por outro lado, há benefícios para os usuários, assim como para impulsionar melhorias no sistema de modo mais amplo, incluindo mudanças na legislação e a taxação para novas modalidades de serviço;



- Há desvio de dinheiro nos investimentos em transporte público;
- É preciso buscar formas de deslocamento economicamente viáveis e socialmente justas;
- É importante pensar em soluções multimodais para a cidade de São Paulo e não só no transporte de pessoas: por exemplo, desenvolvimento de anéis hídricos para transporte de carga;
- É preciso também aumentar a capilaridade do transporte público nas grandes cidades;
- É preciso oferecer mais de uma alternativa para que as pessoas se desloquem de um mesmo ponto a outro, para evitar congestionamentos e superlotação;
- Em geral, as necessidades de moradores e de empresas das regiões centrais são mais atendidas que necessidades de regiões periféricas;
- A má qualidade do transporte público e falta de segurança desestimulam o cidadão a deixar o carro em casa e procurar opções coletivas ou uso de bicicleta para deslocamento;
- Existe uma questão cultural nas grandes cidades que desestimula o uso de transporte público: a visão que o rico anda de carro e o pobre uso transporte público;
- O filme Taken for a ride é tendencioso em alguns pontos, pois deixa, por exemplo, de apresentar pontos positivos do deslocamento por ônibus nas grandes cidades;
- Os benefícios de algumas ações públicas para mobilidade não estão claros para a população, como por exemplo, redução de velocidade em



vias, construção de faixas de ônibus e ciclovias, e ainda há oportunidades para melhorar estes sistemas;

- Além de um direito de ir e vir do cidadão, a mobilidade tem importância econômica pois permite integração entre diversos espaços da cidade tanto para trabalho quanto para lazer.

Laerte Idal Sznelwar e Ruri Giannini